



# 1983 Intensificação de acções contra os BA'S

Texto de  
Filipe Ribas

Três mil bandidos armados abatidos pelas Forças Armadas de Moçambique é o balanço do ano de 1983, considerado um ano de acção na luta contra estes inimigos da Revolução. Logo no início do ano, foram levadas a efeito grandes operações militares, cujos resultados foram numerosas bases e acampamentos inimigos destruídos.

A «Operação Cabana» marcou o início da luta generalizada contra os bandidos armados. Em poucos meses, as nossas forças destruíram as bases dos bandidos armados em Macuácu, Maqueze, Simbirine, Manjaçaze, Maculuve, Manitelane e outras áreas.

A «Operação Cabana» teve o mérito de consolidar as vitórias alcançadas naquelas regiões atra-

vés da perseguição que as Forças Armadas levaram a cabo contra os bandidos logo após a destruição das suas bases e acampamentos. Além das buscas de casa em casa, o exército organizou um bloqueio total, com vista a evitar que os bandidos acoitados recebessem reforços de outras zonas afectadas.

Esta importante operação, que trouxe tranquilidade à província de Gaza, não foi a única do género, pois noutras províncias os nossos soldados envolviam-se num amplo movimento para aniquilar os agentes do «apartheid».

Para dar ideia da situação que se vivia na província de Gaza em meados de 1982, bastará recordar como ocorreu a ocupação da localidade de Macuácu pelos bandidos armados. A sua chegada, assassinaram o 1.º Secretário da Localidade, o Secretário do Comité Distrital para a Organização do Partido, responsáveis da Aldeia Comunal, membros do Partido e trabalhadores de algumas empresas agrícolas. Numa só



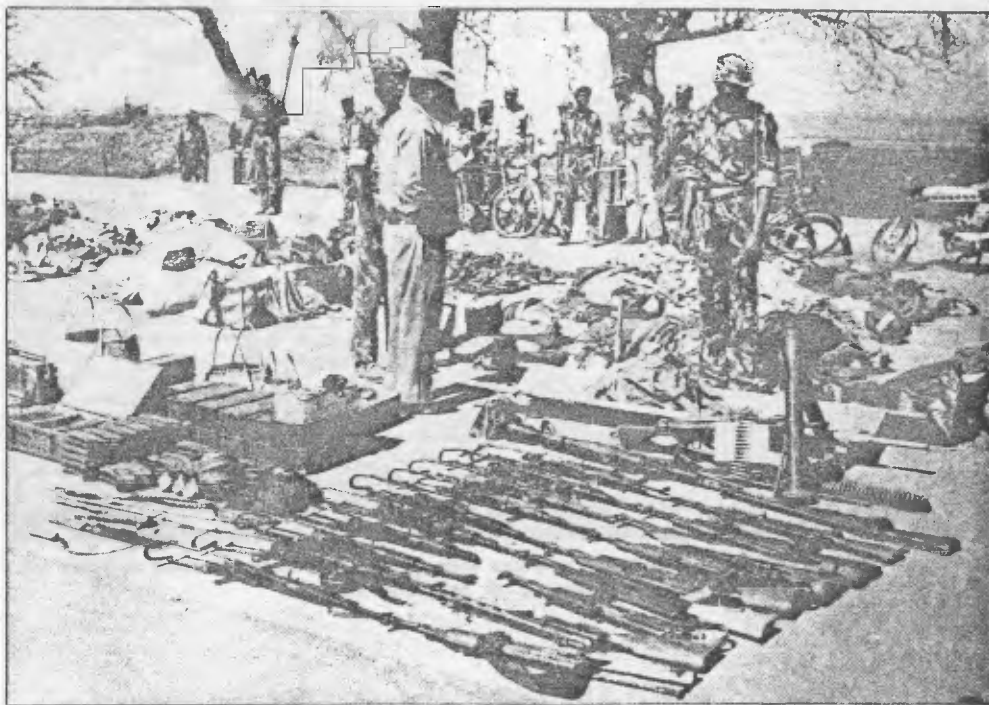
Bandidos armados capturados em Magule, logo no princípio de 1983

noite, foram chacinados dezasseis elementos da população.

A partir desta altura, os bandidos armados efectuaram uma série de roubos, assaltos, raptos e incêndios a habitações das populações. Estas viram-se privadas dos seus bens conseguidos ao longo de anos de trabalho, viram os seus filhos raptados e integrados nas hordas assassinas dos bandos armados.

Quatrocentos bandidos mortos e cento e cinquenta capturados, em menos de três meses, foi o balanço da «Operação 50.º Aniversário» que, como o nome o diz, saudava o aniversário natalício do Marechal da República. As acções militares enquadradas na «Operação 50.º Aniversário» tiveram lugar nas províncias de Gaza, Inhambane, Manica, Sofala, Tete e Zambézia.

Durante a «Operação 50.º Aniversário», muitos bandidos depu-



Material apreendido aos bandidos armados na provincia de Gaza



José Carroça, Devi Bhay, Narendra Bhay e Ribeiro Regado são cidadãos moçambicanos e portugueses que haviam sido raptados pelos bandidos armados e que foram libertados pelas FAM, aquando do assalto ao acampamento de Tome

seram as armas e entregaram-se voluntariamente. No curto espaço de quarenta dias, com efeito, cerca de cento e vinte bandidos entregaram-se às Forças Armadas de Moçambique.

O êxito da «Operação 50.º Aniversário» foi mais longe. Di-lo o elevado número de material de guerra capturado o qual se contam metralhadoras «AKM», «RPGS», morteiros de 60 e 32 mm, metralhadoras pesadas e

bazucas. Grande número de granadas, munições, fardamento, cantis, cartucheiras e caixas de munições para diversos tipos de armamento fazem parte do arsenal que o inimigo foi obrigado a abandonar.

Foi no quadro da «Operação 50.º Aniversário» que o principal centro de concentração dos bandidos armados na Província de Inhambane foi destruído. O centro era usado pelos sul-africanos

para reabastecer os bandidos em armamento e comida. Neste acampamento, os bandidos armados sofreram o mais duro golpe que lhes foi desferido no ano de 1983. Será a partir da destruição deste acampamento que os bandidos armados na província de Inhambane se entregarão a acções terroristas de desespero.

Em Mambyili, centro de que temos vindo a falar, as nossas forças encontraram, pela primeira vez, lança-granadas utilizados para projecteis químicos. Só por si, este tipo de arma é mais que suficiente para comprovar o envolvimento do regime do «apartheid» na desestabilização do nosso País.

Além do material de guerra capturado, no acampamento de Mambyili, as Forças Armadas de Moçambique recuperaram muitos bens que haviam sido roubados aos camponeses. Entre os bens recuperados, há a registar centenas de cabeças de gado bovino, caprino e porcino, bem como galinhas e patos.

Elevado número de rádios e gira-discos, rádios gravadores faziam parte do espólio que os bandidos tinham roubado às populações. Bicycletas, motorizadas, máquinas de costura e máquinas de

escrever foram também recuperadas pelas nossas forças, para além de dois tractores.

Na segunda quinzena de Dezembro, as Forças Armadas de Moçambique destruíram um acampamento dos bandidos armados na província de Inhambane. O referido acampamento estava situado na zona de Malaissa, a cinquenta quilómetros da cidade de Inhambane.

Num comício popular realizado naquela capital provincial, o Comandante Militar de Inhambane, Domingos Fondo, apresentou um grupo de dezasseis elementos da população que haviam sido raptados pelos bandidos armados. No grupo havia crianças cujos pais foram assassinados pelos bandidos.

Foram igualmente apresentados elementos da população que agiram em cumplicidade com os bandos armados e que foram presos aquando do assalto ao acampamento inimigo. Ideia Joaquim Cumbane, um dos colaboracionistas, permitiu que a sua casa fosse utilizada pelos bandidos para armazenar produtos roubados às populações.

De salientar que no assalto ao acampamento dos bandidos participaram estudantes e milícias populares, cujo papel foi particularmente louvado pelo Comandante Militar Provincial.

### **CRESCENTE ÓDIO POPULAR**

Em Janeiro de 1983, num comício popular orientado pelo Chefe do Estado Maior General, quatro bandidos armados são fuzilados, depois de um julgamento em que participaram as populações. Os quatro bandidos confessaram os seus crimes, tendo a população exigido a execução imediata.

Em idênticas circunstâncias, foram fuzilados, em Magude, três bandidos armados. Muitas das pessoas presentes no comício de Magude reconheceram os três criminosos como tendo sido os autores de assaltos, de raptos e de assassinios cometidos sobre elementos da população. Estes são dois casos típicos do ódio que a população votou aos bandidos armados.



De entre o material capturado aos bandos armados, podem-se ver motorizadas e bicicletas roubadas às populações

De Mabote, veio-nos o exemplo dos camponeses que se distinguiram na luta contra os bandidos armados, rechaçando-os até em aldeias longínquas da sua. A camponesa que, aquando da tomada da base de Tome, matou um bandido armado à paulada é um exemplo claro do ódio popular.

Os camponeses de Mabote marcharam mais de cento e cinquenta quilómetros com armas às costas, ajudando, tal como na luta armada, as FPLM. Além disso, eles souberam constituir uma retaguarda segura durante todo o tempo que duraram os combates pela tomada do acampamento inimigo de Tome.

Em Vilanculo, encontramos um grande exemplo de patriotismo e coragem manifestado por um jovem de 17 anos, que recusou ser bandido armado. Depois de raptado e treinado. Quando lhe entregaram a arma para começar a matar o seu povo, decidiu fugir e apresentar-se às autoridades.

Por este País fora, há muitos mais exemplos de patriotismo, de dedicação e de coragem, graças aos quais não tem havido tréguas na luta contra os bandidos armados.

### **SEMPRE A RAS NA FRENTE**

Durante o ano de 1983, muitos cidadãos nacionais e estrangeiros que haviam sido raptados pelos bandidos armados foram libertados pelas Forças Armadas de Moçambique. Outros conseguiram, graças à sua astúcia, escapar das garras dos fantoches da RAS.

Todos os cidadãos libertados pelas FAM confirmaram a natureza assassina dos bandidos armados e a ligação que estes mantêm com o exército racista sul-africano, de quem são um prolongamento. Muitos desses cidadãos testemunharam as atrocidades cometidas pelos bandidos contra as populações indefesas, a destruição de infra-estruturas da economia moçambicana e de aldeias comunais.

José António Carroça, condutor dos CFM Sul, foi raptado quando fazia o percurso Magude-Mabalane. Os bandidos fizeram descarriar a locomotiva que conduzia, mataram alguns passageiros e vasculharam o comboio à procura de comida, tendo acabado por raptar os sobreviventes.

José António Carroça foi considerado prisioneiro dos bandidos armados. «Você não sabe que nós proibimos a circulação de comboios nesta linha?» — foi a pergunta colocada pelos bandidos ao

trabalhador José Carroça. Sofreu um prolongado cativeiro, com constantes ameaças de morte, que só viria a terminar com o assalto à base de Tome, para onde havia sido conduzido.

Tanto este cidadão como outros, tiveram ocasião de ver aviões sul-africanos a abastecer os acampamentos dos bandidos, em ma-

nições e comida. Além disso, confirmaram a presença de soldados sul-africanos em algumas bases, onde serviam de instrutores da pandilha.

As acções empreendidas no ano de 1983, puseram os bandidos armados na defensiva. Mais do que nunca, evitaram confrontos directos com as FAM, daí que nos

últimos meses de 1983 tenham começado a circular em grupos bastante reduzidos e dispersos para dificultar a sua caça. Mesmo assim, acções de limpeza das FAM, corroboradas pela intensa vigilância popular, têm trazido tranquilidade a muitas zonas que antes haviam sido palco de ataques bárbaros. □